

RETURNING TO THE WHOLE
EM EDIMBURGO
Entrevista com
JAMES FERNANDEZ

Será pouco conhecida em Portugal a obra de James Fernandez. No entanto, um olhar atento sobre as bibliografias citadas por outros antropólogos, mais referidos e prezados na produção caseira, deixa sugerida a importância da influência de Fernandez na literatura antropológica americana — mais recente. Sendo um homem de variados terrenos, o autor é simultaneamente um teórico importante. São, por exemplo, incontornáveis e muito pertinentes as reflexões que tem vindo a desenvolver sobre o lugar dos tropos na construção das culturas.

É corrente ver reconhecida a obra maior de James Fernandez — *Bwiti. An Ethnography of the Religious Imagination in Africa* (1982) — como um dos trabalhos especializados de maior relevo até hoje produzidos sobre África. No que respeita à Espanha, por outra parte, o autor tem pesquisa feita e textos dispersos por vários lugares; também uma audiência atenta e alguns discípulos, entre os antropólogos, nativos ou estrangeiros, que ali desenvolveram trabalhos.

Na obra de James Fernandez, as reflexões teóricas mais aprofundadas — que suscitam um universo vasto de referências eruditas —, misturam-se muitas vezes com uma etnografia densa, minuciosa e imaginativa, tocando eventualmente um registo picaresco que é fresco e surpreendente.

A surpresa de encontrar um nome hispânico nas bibliografias norte-americanas era, até há um tempo recente, importante. Como um dos meus colegas, facilmente imaginava Fernandez com a figura estereotipada de um *chicano*. Ambos ficámos surpreendidos por encontrar um “celta” — como me dizia aquele colega, sabendo que ninguém sabe o que isso significa exactamente.

Esta entrevista tem um teor um pouco biográfico, servindo assim para apresentar Fernandez no contexto nacional, de um modo genérico. Como em todas as biografias redime-se aqui o tempo — e a redenção do tempo e do espaço são temas muito queridos do entrevistado — propõe-se um *returning to the whole*, seguindo um título de James Fernandez.

A conversa realizou-se em Edimburgo, nos fins de Outubro de 1996, por ocasião do ciclo de conferências comemorativo dos 50 anos de antropologia na Universidade da cidade. Ali, James Fernandez foi conferencista convidado de uma das sessões plenárias. Num dos dias seguintes, acedeu muito simpaticamente à realização desta entrevista, que foi conduzida em castelhano.

Por

ANTÓNIO MEDEIROS

ANTÓNIO MEDEIROS — *Lendo a partir de Portugal, parece que consigo surge pela primeira vez um nome hispânico importante na antropologia norte-americana, onde os autores tinham nomes de origem anglo-saxónica ou da Europa central...*

JAMES FERNANDEZ — Bem... Na América há uma grande mistura de sangues, que toca a quase toda as pessoas. É problemático dizer-me de origem hispânica. Por um lado, o que posso dizer é que há muito tempo que me dedico ao estudo do mundo hispânico. Há

muitos anos que estamos a trabalhar nas Astúrias (*James Fernandez e a sua mulher Renate Lellep Fernandez*). É também verdade que tenho família ali, mas também a tenho na Escócia ou na Irlanda, ainda que mais distante.

AM — *Os seus primeiros interesses de estudo focaram-se em África. Isto era pouco corrente entre os antropólogos americanos nos anos 50?*

JF — Eu fiz a minha licenciatura na Northwestern University, e ali era importante a presença de Melville Herskovits, que era um africanista conhecido. Isto facilitava as hipóteses de trabalhar em África. Assim, depois, quando se pôs a necessidade de escolher um terreno para trabalhar, surgiu a oportunidade de conseguir uma bolsa e ir para lá.

AM — *Em Bwiti demonstra conhecer muito bem a bibliografia colonial espanhola acerca da Guiné Equatorial. Assim, não teria sido mais óbvia a escolha deste terreno, em vez do Gabão?*

JF — Eu queria estudar os Fang, que se repartem entre a Guiné e o Gabão. Aliás, é na Guiné que eles têm uma presença mais importante, em termos relativos. Mas aconteceu que não me foi possível conseguir uma autorização das autoridades espanholas, sempre muito desconfiadas acerca do que eu queria realmente fazer. Assim, pude trabalhar com os Fang no Gabão, que era nesse tempo uma colónia francesa, depois de terem passado por lá os alemães até ao fim da Primeira Guerra. Ali foi mais fácil conseguir essa permissão. Depois acontecia-me ir falar com os guardas espanhóis num posto fronteiriço, durante o trabalho de campo, sem poder passar para o outro lado...

AM — *Em África, então, era preponderante a presença de antropólogos britânicos...*

JF — Sim, tinham a presença mais importante, mas também os franceses faziam trabalhos e tinham possessões muito vastas.

Herkovits tinha trabalhado no Daomé, que estava sob o domínio dos franceses. E também estavam lá os portugueses. Aliás, era muito difícil para nós conseguir permissão dos portugueses para fazer estudos nas áreas que dominavam nos anos 50, por razões políticas, por causa de suspeitas de que os americanos iam animar os projectos independentistas. Eu conheci... Não sei se te diz alguma coisa o nome de Eduardo Mondlane?

AM — *Sim.*

JF — Eu conheci-o, foi um grande amigo meu em Northwestern, onde ele também fez os seus estudos ...

AM — *De antropologia?*

JF — Sim, aliás... de sociologia.

AM — *Depois ele morreu...*

JF — Morreu, bem... mataram-no, a PIDE ou os seus próprios companheiros, não se sabe até hoje. Morreu com uma explosão, no momento em que abria um pacote de livros, conhecerás essa história...

AM — *A filha de E. Mondlane também é antropóloga, julgo?*

JF — E o filho... A mulher, por sua vez é socióloga. Bom, essa foi outra etapa, mas o quero dizer é que nos anos 50 havia em Northwestern várias pessoas vindas das colónias africanas, vindas nomeadamente da África portuguesa. Ali já havia então vontades de independência, e por isso os portugueses... bem, foi sempre difícil conseguir permissão para fazer estudos nessas áreas, porque tinham a suspeita, aliás com alguma razão, de que podiam ser em seu desfavor. No meu caso... nunca fui um revolucionário nesse sentido, militante, ainda que sempre me tenham sido simpáticas as correntes independentistas, como se espelha nos meus trabalhos.

AM — *Fez trabalhos em vários contextos africanos. Esses anos de passagem entre as décadas de 1950-1960 foram tempo de independências, conheceu vários processos?*

JF — Sim, durante os anos 60 trabalhei um pouco por toda a parte em África — África do Sul, Rodésia, Quênia, Togo, Gana e Benim —, estudando movimentos religiosos. Este foi um tempo muito afirmativo, de muitas esperanças. Então, muitos dos novos estados tentavam resistir à incorporação e à dependência político-económica do Ocidente. Hoje em dia conhecemos os resultados destes processos... !

AM — *Quando é que se decidiu a trabalhar em Espanha?*

JF — Isso aconteceu devido à seguinte casualidade: nos meados dos anos 60, quando chegou a família toda ao Togo para fazer trabalho de campo — eu e a minha mulher, que também é antropóloga, e dois filhos — por pouco não perdemos uma das crianças ali, com uma doença que apareceu de repente, e... quase que não a pudemos curar. Chegámos quase ao último momento da sua vida e apenas nesse último momento encontrámos um medicamento, um tratamento, que permitiu salvar essa menina de dois anos e picos... de 26 meses. Aquilo foi um pavor, como é fácil de imaginar, especialmente para a minha mulher. Deste modo, no meu próximo projecto, dois anos depois, nos meados dos anos 60, a minha mulher não quis continuar, não quis acompanhar-me com os filhos. Então nesse momento eu disse: bem, porque é que não lançamos um projecto no Norte de Espanha. Isto foi uma casualidade. A minha mulher não quis expor uma vez mais as crianças a uma vida bastante perigosa, à vida de campo, muito fora do âmbito dos hospitais, que estão nos grandes centros. Foi então que decidimos começar este projecto, que já corre desde 1966.

AM — *Quando escolheu as Astúrias, mais precisamente, foram importantes as razões*

sentimentais, relacionadas com as origens dos seus avós?

JF — Sim... é verdade, bem... do meu avô, que tinha vindo para a América há mais de cem anos; foi em 68 do século passado... não há tanto tempo. Sabia, todavia, que tinha família ali. Mas não fazemos estudos na zona onde estão radicados estes familiares, quis evitar essas dificuldades. Como tu sabes, temos feito estudos nas montanhas, nas zonas mineiras. Os meus familiares vivem numa zona chamada Bajo Nalon — em Grado e San Román — que é sobretudo uma zona de agricultura e de fruticultura.

AM — *Tinha conhecido as Astúrias de menino?*

JF — Não, não, como se nota. Eu não tenho o domínio do espanhol de alguém que o falou toda a vida... perdemos o espanhol. O meu avô casou-se com uma irlandesa; era ela, claro, estando na América, que determinava o idioma falado em casa. O meu avô estabeleceu-se em South Bend, um pequeno povoado de Indiana, comprando uma loja de tabacos. Bem, ele tinha chegado como trabalhador a Cuba, como enrolador de charutos, logo se passou para a Florida, em seguida para Chicago e, já casado, assentou ali, nesse povoado de Indiana. Isso explica a perca do espanhol na minha família, o meu pai tampouco aprendeu a falar espanhol.

AM — *A Espanha vista de longe, da América, terá imagens mais reconhecidas e atraentes — também para estudo — na Andaluzia ...*

JF — Sim, é verdade que no respeita aos estereótipos que temos da Espanha, estes se relacionam com Sul, o *flamenco*, os touros. Propõem-se mais contrastes nestas imagens, no que se refere às identidades respectivas de ambas as nações.

AM — *E D. Quixote?*

JF — Sim, D. Quixote também, mas esses não são estereótipos que circulam só na América, são antes, nomeadamente, do mundo anglo-

-americano. Quis identificar na minha conferência a sua importância. Estes emblemas servem para fazer sentido. Servem, por exemplo, para identificar o que é a Espanha, por intermédio de um contraste revelador relação à América.

AM - *Os seus trabalhos parecem-me muito originais, na escolha dos objectos e no seu tratamento. Por outra parte, percebe-se uma permanência muito forte de alguns temas, ao longo de décadas...*

JF — Sim, é verdade.

AM — *Em 1962, escreveu um artigo sobre as relações entre o folklore e o nacionalismo, um trabalho que não encontrei...*

JF — Sim, esse é um tema de sempre. Esse artigo teve uma publicação quase privada da Associação de Africanistas, saiu numa publicação... bom... quase privada.

AM — *Referia-se então ao contexto africano, exclusivamente?*

JF — Sim, mas ultimamente publiquei um tratando o mesmo tema. “Folklore as an Agent of Nationalism”, era o título do meu primeiro artigo e o mais recente chama-se “Folklorists as Agents of Nationalism”, tendo saído em 1986. Assim, tenho dois artigos separados por vinte e tantos anos tratando do mesmo tema, ainda que, naturalmente, de perspectivas e com enfoques distintos.

AM — *Quais são os seus temas de trabalho mais recentes?*

JF — Apesar do reflexivismo e do sentido de parcialidade de todas as nossas pesquisas, que chegou a afectar-nos a todos nesta idade pós-moderna, eu continuo a trabalhar principalmente um grande tema que já tinha sido posto por Aristóteles e por Vico — o problema do papel ocupado pela imaginação figurativa no comportamento humano.

AM — *Em Bwiti já eram muito salientes as suas preocupações com o papel das metáforas na construção da cultura Fang. Esse será um tema que resiste até hoje?*

JF — A construção da cultura foi sempre um tema que esteve comigo. Sim, continuo preocupado com esta questão, não abandonei um tema assim tão rico como é esse da metáfora, ou melhor, da articulação da vida e da articulação da realidade. A metáfora... todos os tropos, usa-se menos a palavra metáfora a favor de uma noção mais rebuscada e mais ampla de tropo. Bem... é o dinamismo da interacção, da relação entre os tropos que me interessa mais. A minha teoria... a preocupação mais importante ao longo da minha carreira, tem sido o apreço dos efeitos da imaginação na vida social. Quero dizer que o meu tema, o meu projecto, tem sido o de entender sempre mais profundamente os efeitos da imaginação, os efeitos da imaginação na teoria social e na vida humana, de um modo geral.

AM — *Isso estava proposto em Bwiti?*

JF — Sim, estava, esse foi um ponto que quis fazer claro desde o primeiro capítulo. Eu tomo sempre como muito importante, como coisa muito séria, o papel da imaginação na vida humana... como todos os poetas o fazem.

AM — *Na sua etnografia surgem propostas muitas metáforas, luminosas algumas, na minha opinião...*

JF — Queres dizer o registo de metáforas encontradas no terreno?

AM — *Não propostas por si, como modo de esclarecer perspectivas próprias.*

JF — Ah! Dizes que no momento de teorizar eu utilizo muito as metáforas. Sim, é verdade, é verdade. Mas toma nota do facto de que tento sempre distinguir as metáforas que são minhas e as metáforas do campo,

sabes, da gente... há que distinguir. É certo que todos as utilizamos. A metáfora é realmente iluminante... ontem, no meu discurso, na conferência que ouviste, servi-me da *Fábula das Abelhas*, citando Bernard Mandeville, que a tinha usado para referir os paradoxos que se pode perceber existirem entre os vícios privados e os benefícios públicos.

AM — *Também faz poesia?*

JF — Sim, de vez em quando, mas não sou um poeta muito publicado, a verdade é que é algo com circulação apenas familiar. A minha poesia está na etnografia que faço. Mas admiro muito os poetas e leio-os muito. É curioso que vários dos meus alunos sejam poetas publicados. Por exemplo Joseba Zulaika, que escreveu sobre os Bascos a violência basca, é um belíssimo poeta. Também Ruth Behar, que trabalhou em León, tem publicado poesia. Conheces estas monografias?

AM — *Sim, conheço. Também Paul Frederich, outro antropólogo que será sobretudo conhecido como poeta, participa em Beyond Metaphor, o volume colectivo que organizou há algum tempo.*

JF — Paul Frederich é muito importante. Tem publicada muita poesia. É por outro lado um antropólogo muito bom...

AM — *Tem trabalhado no México?*

JF — Bem... além de tudo, ele é também um poliglota. É na verdade um homem que maneja muitas matérias... trabalhou na Rússia, Grécia, México, bom... é um demónio de conhecimentos, tendo em conta os vários interesses e actividades que desenvolve.

AM — *Julgo que ele é muito pouco conhecido em Portugal...*

JF — De facto é um homem demasiado pouco conhecido. Tampouco fazem referências ao seu trabalho aqui, na Inglaterra



James Fernandez em Edimburgo, fotografado por António Medeiros

ou na Escócia. Conhecerás um trabalho dele intitulado “Los Príncipes de Naranja”?

AM — *Conheço um livro seu, mas com outro título, dos anos 70, à volta de histórias de vida de revolucionários em Naranja... será um trabalho mais antigo.*

JF — Este chama-se “Los Príncipes de Naranja”, a inspiração deste trabalho está em Maquiavel e na grande obra *O Príncipe*. Sabes, Friederich ali aproxima o trabalho de campo no México usando como referência o pensamento de Maquiavel. Compara o maquiavelismo no México nos dias da revolução de há tempos, claro... a revolução mexicana, de encontro às ideias expostas por Maquiavel. É um trabalho muito interessante, interessantíssimo.

AM — *De que data ?*

JF — Bem ... é um trabalho que saiu publicado nos meados anos 80. Mas a verdade é que toda a obra de Paul Friederich é muito importante. Ele é bem pouco conhecido, como disse, mas não sei porquê. Talvez porque se dedica a várias coisas ao mesmo tempo... então os especialistas têm tido a tendência de pensar que este homem é um pouco leviano enquanto antropólogo. Isto não é verdade, as suas obras são profundamente radicadas no trabalho de campo. Verás... verás quando consultares esse seu livro, que, além de tudo, é muito experimental.

AM — *Julgo que foi um dos primeiros antropólogos americanos a serem influenciados por Lévi-Strauss. No entanto, a sua preocupação com a importância das metáforas tem inspirações variadas?*

JF — Bom, de certo modo é verdade, mas Lévi-Strauss tem muitas influências de Jakobson. Este foi um homem que eu li muito. O que posso dizer-te é que sobretudo esta influência foi importante para mim. Também importante foi aquilo que aparece

eleito na obra de Lévi-Strauss sob influência de Jakobson. Talvez possa dizer que foi importante a referência à obra de Jakobson e de Lévi-Strauss. Quanto às metáforas, mais precisamente, e às influências que se marcam na minha obra... eu não quero negar a importância de Lévi-Strauss, mas tão-só especificar aquilo que é influência sua, no que me toca.

AM — *Foram mais variadas as inspirações... dos filósofos, como sugeriu?*

JF — Sim os filósofos, antes que todos Giambattista Vico, o grande sábio napolitano do século XVIII. Vico mais do que ninguém... Mas não posso esquecer Aristóteles, que tem algo sobre as metáforas. Este é, ao fim e ao cabo, um tema de sempre. Nós somos seres, é algo da vida, somos seres que não podemos entender-nos sem fazer uso das metáforas, dos tropos.

AM — *Os seus alunos têm boa vontade para ler Vico?*

JF — Bom... por força benévola maior. Vico é difícil de consultar!

AM — *Os tropos para si têm sido preocupação constante, mas parece-me que têm sido uma preocupação muito própria, pessoal, relativamente isolada durante vários anos na antropologia. Li um livro de Michael Herzfeld, onde também se encontrava essa preocupação. Ali eram muito salientes as referências aos seus trabalhos e também a G. Vico...*

JF — Sim, está no seu livro sobre a Grécia, *Anthropology Through the Looking Glass*, que... sim, é verdade... é bom. Mas ultimamente os cognitivistas de Berkeley — George Lakoff, M. Johnson, etc. — fizeram trabalhos sobre a importância da metáfora nos cursos de filosofia. Foste ver a conferência de Fredrik Barth... ele fez referências a Lakoff e ao seu trabalho, criticando-o por ser demasiado elementar, esquemático. É muito verdade. Os cognitivistas não entendem verdadeiramente

as experiências humanas, pelo menos a um nível de participação como os antropólogos. O nosso contributo é esse: o de somar a dimensão da experiência humana a estes esquemas, como os de Lakoff e Johnson. Quando comecei a falar da metáfora, as minhas primeiras publicações sobre este assunto saíram nos anos 60, 67-68-69. Até aí quase ninguém na antropologia lhe atribuía uma importância especial, muito menos se falava de tropos. Isto modificou-se muito nos últimos dez ou doze anos. Inclusivamente, nas conferências plenárias, aqui, em Edimburgo, quase toda a gente lhe fez referências. Tornou-se um tema que, se não é candente, é pelo menos imprescindível. No momento de falar de cultura, no momento de falar sobre a criação, sobre a construção da cultura, os conferencistas tiveram de referir-se, quase todos, à metáfora. É palavra que hoje é muito frequente. Mas, toma nota que nos anos 60-70, quando comecei a falar disto e, nomeadamente, quando fiz uma aproximação mais composta do tema, publicando aquele artigo — “The Mission of Metaphor in Expressive Culture”, que é de 1974 —, quase ninguém lhe atribuía importância. Apenas alguns poucos, como Renato Rosaldo, os Rosaldo, e logo Michael Herzfeld, este nos anos 80, a partir de 1981, lhe prestaram atenção.

AM — Renato Rosaldo é da sua geração?

JF — Não exactamente, eu tenho talvez mais uns dez anos do que ele. Bem... Rosaldo é da geração de 60, princípios de 70, eu sou da geração de 50, princípios de 60. Ele ainda não tem cabelos brancos como eu, enquanto vou podendo dizer que tenho algum cabelo.

AM — Tem planeado fazer nas Astúrias uma obra de fundo, com a importância de Bwiti no que toca ao seu trabalho em África?

JF — Tenho várias coisas. Acaba de sair este ano uma colecção de textos. Todavia, estou ainda a trabalhar na etnografia grande que levará o título *Felechosa*, nome daquele sítio

onde mais se tem focado o nosso trabalho... Mas o seu subtítulo será “An Ethnography of the Social Imagination”. Bwiti tinha como subtítulo “An Ethnography of the Religious Imagination”, este será sobre a imaginação social. Há, assim, uma pequena diferença no título, mas que é com certeza, à partida, importante.

AM — Será tão volumoso como Bwiti, este próximo trabalho?

JF — Bem, sim, já tenho vários capítulos escritos, julgo que é impossível escrever uma etnografia sem lhe dedicar muitas páginas. Não sei se poderemos publicar tanto... mas estamos a trabalhar nisso. Este será um trabalho escrito em conjunto com a minha mulher, que tem trabalhado muito nas Astúrias. Foi por sugestão sua que começámos a trabalhar em Espanha, e hoje em dia é ela que é a *asturianina*. Aliás nos *pueblos* onde trabalhamos tenho o apodo de Jaime da Renata. É ela a referência — as coisas passam-se como se eu fosse um homem de fora casado ali. Aconteceu que na primeira vez que ali fomos, depois de alguns dias eu parti para África, deixando-a sozinha. Então as pessoas adoptaram-na, pensando que aquele homem que passara tão rapidamente abandonara a pobrezinha. É daí que hoje sou o Jaime da Renata.

AM — Dos seus textos asturianos, um dos meus favoritos será “Poetry in Motion: Being Moved...” É muito evocativo de cenas que presenciei no Minho, assim picarescas, como a que suscita o jogo de palavras “*piononos en el campo amor*” no seu artigo. É muito peculiar na sua etnografia o registo de episódios assim tão vivos.

JF — Tenho sempre muito em atenção os aspectos picarescos do quotidiano. Esse episódio no autocarro funcionou como um momento revelador. Julgo que, de vez em quando, há momentos reveladores na vida humana. São momentos que contêm um sentido muito profundo quanto às relações humanas, às dificuldades que existem entre

as pessoas, quanto aos pensamentos distintos de homens e de mulheres, às dificuldades que se põe às raparigas quando entram na idade madura, às relações jocosas com os homens, por exemplos. Esses momentos reveladores contêm muitas vezes tropos — examinando-os podemos chegar a compreender os dinamismos presentes na vida em sociedade. Por isso é costume meu começar cada capítulo de uma etnografia, por exemplo, com um desses momentos reveladores como o que presenciei entre Oviedo e Arriondas, no autocarro das Lineas Económicas.

AM — *Fala dos desafios poéticos nas Astúrias: lá também podem ser cantados? Há “cantores ao desafio” no Minho, Lisón-Tolosana tem um artigo sobre este tema na Galiza...*

JF — Há também cantigas dessas nas Astúrias, mas eu não as estudei. Creio que na Galiza é mais exuberante. Justamente, essas são expressões interessantes, porque lançam no ar figuras, tropos novos. Eu estive na Galiza, mas não me aproximei deste tema. Também os Bascos têm essas formas de contenda poética muito desenvolvidas, os ... não me lembra agora o nome que lhe dão. Acaba de sair um livro interessante sobre isso publicado pela Universidade de Nevada, em Reno. Quase que diria que são os Bascos que têm desenvolvido mais esta prática de lançar um desafio e ter de responder-lhe em verso. São os *bertsolariak*, é assim que se chamam em basco a estes contendedores poéticos. É gente que espontaneamente se põe face a um auditório, depois lançam-lhes uma questão à qual todos eles têm que de responder poeticamente no momento: responde o primeiro, o segundo tem de pegar na deixa...

AM — *Cantando?*

JF — Sim, cantando. Bem, alguns não o poderão fazer, mas a maioria cantando.

AM — *O professor conhece bem a produção antropológica feita em Espanha. Pergunto-lhe se*

conhece alguma coisa do que se tem feito em Portugal?

JF — Sim, alguma coisa, mas não muito, lamentavelmente... É certo que dou na universidade um curso que tem a ver com Espanha e a área mediterrânica, e trato da literatura em inglês sobre Portugal, de Brian O’Neil, por exemplo ...

AM — *De Pina Cabral...*

JF — De Pina Cabral sim, de Cutileiro e algum mais, bem... a literatura publicada em inglês. É muito difícil convencer aos estudantes norte-americanos — porque vivem no centro do império — a aprender e a consultar coisas que não estejam em inglês. Inclusivamente, em cursos mais específicos sobre Espanha, tenho muitas dificuldades em convencê-los a ler em espanhol. Para as minhas próprias publicações, é claro que já tenho lido coisas em português.

AM - *Está a ensinar agora em Chicago?*

JF — Sim, na Universidade de Chicago.

AM — *Que relações percebe existirem hoje em dia entre o trabalho dos antropólogos e as reivindicações nacionalistas ou regionalistas. Não lhe parece que continuam a ser práticas gémeas, em determinadas circunstâncias?*

JF — O que se passa em Espanha pode funcionar como um bom exemplo para atestar esses casos. A nova Constituição espanhola, que deu lugar às comunidades autónomas, diz que para ter direito à autonomia uma província ou região tem de defender-se quanto à originalidade da sua cultura...

AM — *Provar?*

JF — Sim, provar a originalidade da sua cultura. Isso, é claro, suscita imediatamente a presença dos antropólogos que são estudiosos da cultura. Por isso nas Astúrias, pelo menos, e seguramente também na Galiza, desde há muito tempo foram os antropólogos que

entraram aí na batalha do regionalismo para afirmar a cultura local. Sim, mas há um problema... porque muitas vezes os nacionalistas vão um pouco mais adiante da realidade para garantir que a sua cultura é original. E eu... claro... assististe ontem à minha conferência?

AM — *Sim.*

JF — Naquele mapa das Astúrias que mostrei, que foi editado, as Astúrias estavam ali isoladas, sem relações com a Galiza ou León. Então, claro, querem defender a cultura original asturiana sem fazer referências à cultura leonesa ou galega... há um cortar de distâncias excessivamente rápido...

AM — *Julgo que havia alguma ironia nas suas referências às edições "celtistas" que podem ser encontradas por lá...*

JF — Sim, bom... as pessoas têm os seus direitos, evidentemente. Há essa influência

que está distanciada, mas, todavia, há algo que resta. Há... sim, há um aspecto do assunto que pode ser ironizado. A herança céltica em Espanha é bastante mais longínqua do que aqui na Escócia ou na Irlanda, mas também há aqui uma invenção de heranças, como acontece por lá.

AM — *Creio que procurou fazer uma aproximação equilibrada de todos esses "dilemas" num artigo recente, nos Ensayos en Honor de Carmelo Líson?*

JF — A aproximação equilibrada desses "dilemas", se é que ela existe, encontra-se no reconhecimento das dinâmicas da categorização — em reconhecer a importância do jogo das categorias na condição humana. Encontra-se no reconhecimento do modo como até que ponto inventamos por intermédio de narrações poderosas as nossas identidades: as nossas ideias e sentimentos acerca de quem são os nossos e dos que não o são.